

O NÃO LUGAR DAS MULHERES TRANS: UMA ANÁLISE A PARTIR DE JEAN PAUL SARTRE E SIMONE DE BEAUVOIR

Clarice Rin Yamahuti (PIBIC/CNPq), Sylvia Mara Pires de Freitas (Orientadora). E-mail: sylviamara@gmail.com

Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de Psicologia, Maringá, PR.

Área: 7.07.00.00-1 – Psicologia; Subárea: 7.07.05.00-3 – Psicologia Social

Palavras-chave: Gênero; Fenomenologia-existencial; Queer.

RESUMO

Trata-se de pesquisa de natureza teórico-conceitual, cujo objetivo geral foi compreender o não lugar de mulheres transgêneros na sociedade atual a partir de estudos sobre gênero e analisar esse não lugar fundamentando nas teses de Jean-Paul Sartre (1905-1980) e Simone de Beauvoir (1908-1986), e os específicos: (1) compreender como estudos sobre gênero expressam o não lugar de mulheres trans; (2) entender a noção de “Para-Outro” e conceitos relacionados, como a ontologia do olhar e do corpo para Sartre, bem como a noção de projeto de ser; (3) compreender a tese do *segundo sexo* de Beauvoir; (4) analisar o não lugar de mulheres trans a partir do existencialismo de Sartre e de Beauvoir, e de seus interlocutores; e (5) refletir sobre as contribuições que Sartre e Beauvoir dão à Psicologia nos estudos de gênero. A metodologia busca, primeiramente, analisar a trama conceitual de Sartre e Beauvoir que pudesse fundamentar a análise crítica sobre o não lugar da mulher trans. Os resultados dessa pesquisa apontaram para a estrutura patriarcal que constrói a alteridade da mulher de maneira que retira delas o decidir sobre seu próprio corpo, objetificando-as. Portanto, as teses sartreanas e beauvorianas contribuem para pensarmos a mulher trans a partir de suas próprias vivências, tomando posse de sua carne, podendo assim expressar-se por meio das mais diversas configurações de corpos. Por fim, essas teses também nos dão elementos para pensarmos uma psicologia que leve em consideração as pessoas trans e sua relação com o mundo, ou seja, uma Psicologia Trans Inclusiva.

INTRODUÇÃO

Partindo de vivências da acadêmica-pesquisadora, uma mulher amarela, lésbica e transgênero, percebeu-se que o contato entre as mulheres trans e o mundo as

empurra para uma espécie de “não-lugar”, onde têm seus corpos, gênero, sexo e vivências decididas por outras pessoas que não elas mesmas. As cientistas, desde a primeira onda feminista, já traziam consigo o ideário de que a biologia não seria o suficiente para definir o papel feminino como inferior ao masculino, e apontavam que este pensamento subjugava a mulher ao sistema masculinista. Posteriormente, na segunda onda feminista, temos discussões sobre o destino biológico da mulher. Por exemplo, Beauvoir (2009) em seu livro “*O segundo sexo*” é reconhecida por retirar a mulher do destino materno e a coloca como fruto de uma relação com o mundo. Pautada em noções fenomenológico-existenciais, a autora escreve sobre o papel do patriarcado na construção de um mundo sumariamente masculino, que trataria da “mulheridade” em alteridade, em que a mulher seria o “outro” em relação ao universo masculino. Ainda nas discussões sobre as questões feministas, o termo “gênero” ganha lugar e força nas bases epistemológicas, tendo como uma de suas grandes contribuições a filósofa Judith Butler, que em seu célebre escrito *Problemas de gênero* (2003) problematiza ainda mais a biologia como forma de definir uma mulher, dando espaço para nossas atuais discussões.

A partir dos conceitos expostos, emerge a questão sobre o problema das noções biologicistas na relação com as mulheres trans, visto que elas nascem com um corpo supostamente masculino e se tornam mulheres quando se apoderam de um determinado gênero. No entanto, essas noções tiram o direito delas de tomarem posse de seu próprio corpo, enquanto uma mulher em um corpo de mulher, a despeito de suas genitálias ou de sua configuração cromossômica. Não obstante, tais noções embasadas em um concretismo sexual fere os direitos de outras configurações corpóreas de gênero, e ataca a transgeneridade feminina, empurrando a mulher trans para um “não-lugar” social.

À vista do objetivo proposto de compreender o não lugar de mulheres transgêneros na sociedade atual a partir de estudos sobre gênero e analisar esse não lugar fundamentando nas teses de Sartre (1970; 2018) e Beauvoir (2009), com auxílio de estudiosas sobre gênero, a investigação da trama dos conceitos desse(a) autor(a) auxiliou na análise crítica sobre o não lugar da mulher trans.

REVISÃO DA LITERATURA

Partindo da análise dos materiais propostos, entendemos pela leitura de estudiosas sobre a temática da mulher como Simone de Beauvoir (2009) e Judith Butler (2003), o lugar que a mulher ocupa no mundo culturalmente patriarcal. Butler nos indica que o mundo masculinista, a partir da instituição da linguagem, faz com que o sexo apareça como um atributo concreto e factual, ou seja, uma verdade. Este fato determina que os corpos “macho” e “fêmea” dizem respeito, a partir de alguns fatores como cromossomos e genitálias, a um corpo tipicamente feminino ou

masculino, dentro das normas tradicionais. Contudo, a determinação de uma verdade biológica que tenha prioridade sobre a verdade subjetiva é uma tese muito criticada dentro do feminismo. Beauvoir (2009) é muito reconhecida por esse trabalho, questionando o famoso destino biológico da mulher. Neste sentido, a autora defende que o patriarcado forma um mundo onde existem hierarquias entre os (supostos) dois sexos, em que o masculino seria o universo que definiria seu papel no mundo e objetificaria a mulher, atribuindo a ela papéis que não são determinados por si mesmas, mas por um homem, utilizando a biologia como argumento.

Não obstante as críticas feministas às concepções de mulher, as teses de Sartre (1970; 2018), principalmente a questão da liberdade em criar um projeto de ser, afirmam que ninguém pode decidir pelo outro, tampouco experimentar as escolhas que cada pessoa faz. Mesmo que o olhar do outro objetifique quem visa, por atribuir-lhe um Ser, este pode ser transcendido por quem é visado.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Investigando as teses de Sartre e Beauvoir, enriquecidas com estudiosas sobre gênero, pode-se compreender que a relação que a mulher trans estabelece com o mundo ocorre a partir de seu próprio corpo, mas ela também é uma consciência corporificada. Sendo assim, não há mulher no mundo que não tenha o poder sobre seu próprio corpo. Contudo, como a consciência se expressa pelo ato, o que se encontra no mundo alheio é o corpo, logo ele é apreendido primeiramente. Isso se torna um problema, pois a pessoa pode ser apreendida pelo outro sem que se considere sua liberdade de decidir sobre si própria. Por conseguinte, é-lhe atribuído um Ser, objetificando-a (Sartre, 2018) – e esta é a ideologia que fundamenta o pensamento hegemônico biologicista.

Considerando o pensamento de Beauvoir (2009), podemos transcender as suas noções para pensar o não lugar ao qual as mulheres trans são empurradas. O corpo feminino é objetificado e definido a partir das normas concretas do sexo pela visão do patriarcado. Assim, “XY” ou a presença de um pênis definiria um corpo de homem, mesmo que o gênero expresso seja outro. Contudo, Beauvoir (2009) já se antecipava a essas questões, expressando como o lugar do “falo” na determinação de poder era, antes de tudo, um símbolo para o poder masculino. Assim, o masculino se expressa no mundo como forma de demonstrar um poder, como uma norma, mas não como um corpo.

O corpo é subjetivo (Sartre, 1970), e assim não há expressão maior do que a de se apoderar de sua própria carne e de tomar as rédeas de seu projeto. As mulheres trans não devem se deixar definir apenas por aquilo que lhes atribuem. Elas devem se definir, sobretudo, como uma mulher em corpo de mulher, a despeito de sua

genitália, de seus cromossomos ou da configuração de suas fronteiras. Assim, tomamos posse de um lugar – nosso próprio corpo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, entendemos que a psicologia, principalmente quando se diz feminista, deve considerar não apenas mulheres, mas todas as configurações possíveis de corpos gendricados. Então, notamos que enquanto uma mulher trans estiver vulnerável, todas as mulheres estarão. Se o gênero for tratado com terror, o patriarcado estará vencendo. Portanto, as bases da psicologia devem encontrar forças em noções sobre o gênero, não apenas para fortalecer essas mulheres, mas para evitar tirar o direito das pessoas sobre seu próprio corpo, fazendo assim com que haja plenitude sobre o direito de existirem as mais diversas expressões da carne possíveis, e se fazendo possível existir uma Psicologia Trans Inclusiva.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha orientadora, professora doutora Sylvia Mara, por me auxiliar no caminho para expandir meus conhecimentos e trabalhar com a temática acerca daquilo que muito me afeta. Também sou grata ao CNPQ, a instituição de fomento de minha pesquisa, por me proporcionar as condições materiais para que esse projeto seja realizado, assim como a Universidade Estadual de Maringá, por fornecer as estruturas físicas necessárias para a realização do mesmo.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, S. D. **O Segundo Sexo**. Tradução de Sérgio Milliet. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BUTLER, J. **Problemas de gênero**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

SARTRE, J. P. **Existencialismo é um humanismo**. Paris: Les Éditions Nagel, 1970. Tradução: Guedes, Rita Correia. Disponível em:

http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/sugestao_leitura/filosofia/texto_pdf/existencialismo.pdf. Acesso em: 13 jan. 2024.

SARTRE, J. P. **O ser e o nada**. Petrópolis: Vozes, 2018.

33º Encontro Anual de Iniciação Científica
13º Encontro Anual de Iniciação Científica Júnior



10 e 11 de Outubro de 2024

